

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS FICHA DE IDENTIFICAÇÃO LUGARES	CÓDIGO DA FICHA					
	SP	04	--	2012	F50	21
	UF	SÍLIO-	Loc	ANO	FICHA	NO.

1. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO INVENTARIADO	Quilombo Galvão
LOCALIDADE	Quilombo Galvão
MUNICÍPIO / UF	Eldorado e Iporanga/SP

2. BEM CULTURAL

DENOMINAÇÃO	Rio Pilões
OUTRAS DENOMINAÇÕES	
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA

3. FOTOS

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FOTOS INVENTARIADAS, CONSULTAR O ANEXO 2: REGISTROS AUDIOVISUAIS.

4. DESCRIÇÃO DO BEM IDENTIFICADO

OBS: OS ITENS 4.2 (MARCOS NATURAIS E/OU EDIFICADOS), 4.3 (AGENCIAMENTO DO ESPAÇO PARA USOS DIFERENCIADOS), 5.1 (ORIGENS, MOTIVOS, SENTIDOS E TRANSFORMAÇÕES) E 5.2 (NARRATIVAS E REPRESENTAÇÕES), 5.3 (CRONOLOGIA), 6.1 (USOS COTIDIANOS) E 6.2 (USOS CERIMONIAIS) FORAM REUNIDOS NO CAMPO 4.1, ABAIXO:

4.1. CARACTERÍSTICAS GERAIS / MARCOS NATURAIS E/OU EDIFICADOS / AGENCIAMENTO DO ESPAÇO PARA USOS DIFERENCIADOS / ORIGENS, MOTIVOS, SENTIDOS E TRANSFORMAÇÕES / NARRATIVAS E REPRESENTAÇÕES / CRONOLOGIA/ USOS COTIDIANOS/USOS CERIMONIAIS
O Rio Pilões banha 3 territórios quilombolas do Vale do Ribeira: Maria Rosa, Pilões e Galvão. Está próximo também do quilombo São Pedro, de onde vertem parte das águas que formam o Rio Pilões logo antes de seu encontro no rio Ribeira. Um trecho considerável do Rio Pilões está no território de Galvão, servindo à comunidade para diversos fins: navegação (à jusante rumo ao Rio Ribeira, à montante rumo ao Porto dos Pilões), atividade de pesca, lazer e como fonte de inspiração de histórias e da imaginação criativa dos moradores da região. O rio é uma referência central do território. Nas entrevistas do inventário, foram identificadas 5 localidades marcantes do Rio Pilões no território de Galvão, evidenciando a importância deste lugar como bem cultural. Barra do Rio São Pedro e Porto: "Barra" é o nome utilizado pelos quilombolas para designar o ponto de encontro de um rio com outro, ou de um rio com o mar. A Barra do São Pedro é o ponto onde ele deságua no Rio Pilões. Juntas, estas águas vão encontrar, um pouco mais abaixo, o Rio Ribeira. A Barra do Rio São Pedro está localizada no território de Galvão, e assume importância central na dinâmica de ocupação da área. Neste ponto está localizado o principal porto de embarque de canoas de Galvão. Nas proximidades do porto foram construídas as estruturas coletivas da comunidade: centro comunitário, o campo de futebol, a igreja e a escola.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LUGARES				SP	04	--	2012	F50	21
---------------------------------	--	--	--	----	----	----	------	-----	----

"Eu sempre parava a canoa no Porto da Barra do São Pedro. Vinha com a canoa carregada de porco, algum tipo de mantimento, arroz. Não é um lugar muito fundo, tem lugar que a água pega no meio da nossa perna. Em volta do porto tem algumas casas de um lado; do outro lado tem o caminho do Rio Pilões, mata e pasto.

É um lugar onde os mais velhos sempre paravam, já ficou marcado. Quando a pessoa vinha, vinha naquele local. É um lugar onde as pessoas atravessavam pra andar até os Pilão, pra Guapiara, Maria Rosa. Atravessava ali e depois tinha mais duas passagem ainda. Às vezes passava de canoa, mas a maioria era de perna n'água.

Diz que em 1947 parou uma equipe de cigano aqui e ficou uns dias. Eles vieram de Capão Bonito, contaram história. Eles trouxeram bastante animal pra trocar e vender na viagem.

Esse porto é um porto muito antigo, foi meu bisavô que abriu e vinha muita gente de longe, de Capão Bonito, Guapiara e atravessava aqui pra ir pra Eldorado, pra Iguape. Atravessava porco, botava eles na água" (Jabor Nolasco de França, 68 anos, Galvão, 2011).

Buraco do Peixe:

Localizado acima do sítio do Domingos, o Buraco do Peixe é um local do Rio Pilões bom para "caçar peixe", por isso o nome. O rio é estreito nesse ponto e na margem é mata. O local era conhecido pela fartura de peixe e atraiu pescadores de fora. Isso ocorreu, conforme relatos, um pouco antes da enchente de 1997. Depois disso, os moradores não se lembram de verem os forasteiros, não por causa da enchente, mas porque começou a ter vigilância do órgão ambiental.

"O buraco do peixe tem a parte de paredão de pedra, e a parte oca de pedra. É onde os peixes desovam. Então os caras acham bom armar a rede ali, onde tem trânsito de peixe. É um poço médio, meio baixo, com água calma. Eu pouso no Buraco do Peixe, armo barraco de lona e a rede pra pescar. Fico a noite toda, e no dia seguinte tiro e coloco na canoa. Se a gente isca o anzol com tripa de galinha quase estragando e joga, o peixe já cata. Tem local fundo pra jogar linhada que o bagre já puxa. Todo mundo sabe do lugar por isso. Já dorme por lá, arma rede e depois sai rejuntando os peixes.

Armaram muita rede lá. Se você arma hoje, depois amanhã, e depois também, fica muito batido, vai diminuindo o peixe. Antes não caçavam muito, agora o cara vai lá e arma 2, 3 redes. Às vezes até apodrece peixe lá. Vem gente de fora também, e nós não tamo querendo aceitar isso. Tá certo que a água é pública, mas eles tiram nosso sustento desse jeito. A gente mesmo cultivando, a gente cuida, mais quando vem gente de fora e traz rede de malha muito pequena, acaba com tudo. A gente tira 2, 3 kg e já fica contente. Eles de fora tira pra vender também (Rubens Rodrigues dos Santos, 51 anos, Galvão, 2011).

Quebra Canoa:

"É uma cachoeira que tem no Rio Pilões, mais ou menos lá pro Tavares. É uma corredeira forte e cheia de pedra. Na margem do quebra-canoa ainda é coberto de mata. Lá tem um lugar de passar certo: tem uma certa conta da cachoeira que tem uma pedra embaixo, se não for pelo lugar certo, bate a canoa na pedra e depende do modo que a canoa bate lá, ela pode virar ou até quebrar. Pelo que contam, já virou diversas canoas nesse lugar.

Desde que comecei a remar, com 8 anos, eu já passei a conhecer esse lugar. Eu andei bastante no Rio Pilões, até bem pra cima do Maria Rosa, num sarto onde, dali pra cima, não sobe mais canoa. Eu ia com o Arpídio na capova dele trabalhar de camarada, ficava pra cima do Maria Rosa a capova. Dos tempos que eu comecei a remar pra cá nunca me aconteceu, mas com os mais velhos já aconteceu de quebrar canoa lá.

A gente acha importante contar essa história do Quebra Canoa pros mais novos, que vem depois da gente. A pessoa sabendo que aquele lugar é perigoso, ela já vai entrar com mais cuidado, porque já tem lembrança do que aconteceu ali no passado. (Jabor Nolasco de França, 68 anos, Galvão, 2011).

Bento José:

É um baixio do Rio Pilões, com água forte, tem muitas pedras, tem só o trilho pra passar de canoa. Se for canoeiro ruim bate na pedra, quebra a canoa e cai na água. Se ver que vai bater na pedra, tem que segurar com a vara e evitar de bater. Um lado da margem era pasto, só que agora tá levantando mato, tá abandonado. Da outra margem é a fazenda do Teodoro, fica em frente ao casarão.

Pela informação que eu tenho dos mais velhos, e que eu ouvi também, ele muda de barulho. Muda de zoadá. Ele aumenta o barulho da água, tem hora que tá calminho, tem hora que aumenta muito. Não sei se é problema do vento. Quando ele aumenta, dá aquele barulhão, diz que tá pra chover. Eu não sei, nunca prestei atenção. Só sei que aumenta mesmo o barulho. Tem hora que não escuta nada sem ser a zoeira da água. Eu já fiquei lá altas horas da noite e sei que isso acontece.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LUGARES				SP	04	--	2012	F50	21
---------------------------------	--	--	--	----	----	----	------	-----	----

O nome ficou por causa da história do Bento e do José que viraram a canoa lá. Segundo o que eu sei, o Bento e o José vinham descendo na canoa e bateu na pedra, daí um ficou gritando o nome do outro e aí ficou o baixio do Bento José.

Eu fico lá perto pra pescar, fico até umas 22, 23h e volto pra casa. Da minha casa até lá dá uns 40 minutos, sempre vou lá. O lugar mudou desde o tempo dos antigos. Tá desmatado. Antes era mata virgem, agora tem pasto até na beira do rio. Só de um lado já tá levantando capoeira.

É importante recordar da história dos antigos, a gente vai passando pros nossos filhos. Foi através dos meus pais e dos meus tios que eu sei também a história do Bento José (Rubens Rodrigues dos Santos, 51 anos, Galvão, 2011).

Outra versão da história é que nesse baixio do rio morreu Bento José, que era filho dos finados José Furquim e Arcanje, e neto do primeiro morador de Galvão, Bernardo Furquim.

Córrego do Capitão Mó:

Capitão Mó é o nome dado ao córrego que deságua no Rio Pilões, e também o nome do sítio onde trabalharam inicialmente a família de Benedito Furquim, antigo morador do Galvão. Quando Benedito Furquim morreu, os filhos foram dispersando e a área foi vendida para uma pessoa de fora, de Iporanga. A área deixou de ser utilizada para produção agrícola. A comunidade de Galvão restabeleceu o domínio sobre a área no final de 2011.

"O Capitão Mó é um córrego que deságua no Rio Pilões, um pouco pra cima do Campo de Futebol, na fazenda do Ezequiel. É um córrego pequeno, ele passa pela mata e nasce numa serra pertinho da lombada do quebra-canoa. A cabeceira dele é numa lagoa que tem debaixo de um capinzal, um brejo e tem diversos tipos de sapo lá. Era uma água limpa que vinha de uma serra muito longe. Nós que morava ali numa barra dele, usava a água do rio pra tomar" (Jabor Nolasco de França, 68 anos, Galvão, 2011).

"No Córrego Capitão Mó existia uma valeta pra monjolo pra socar milho, arroz e café. O monjolo era de sociedade das famílias que moravam aqui. Era um monjolo comunitário, todo mundo usava. Carregavam a carga de canoa, pilava, depois traziam, embalavam e mandavam pro comércio. O autor do monjolo foi o Benedito Furquim, filho do Bernardo Furquim. É muito antigo, eu não cheguei a ver, conheço só a valeta. Até que um dos netos deles vendeu o sítio do Capitão Mó pra um desses ricos de beira de rio aí. Aí essa pessoa ficou 'aforando'¹ pra serviço, até o padraço do Jabor e o meu pai trabalharam lá. Na época que começou o conflito pela terra ele vendeu pra esse fazendeiro, bagunçou tudo" (Jovita Furquim de França, 68 anos, Galvão, 2011).

"Teve um tempo que fizeram um roçado pra pasto ali na fazenda, mas agora já tá nascendo mata de novo. O lugar é importante pra gente fazer alguma coisa de serviço, respeitando a beira do rio. Quando eu morava com meu tio a gente trabalhava, colhia muita lavoura lá: feijão, arroz, milho, mandioca. Hoje, tá esperando a indenização só pro fazendeiro liberar pro povo.

No córrego Capitão Mó tem uma cachoeira escondida, que nunca foi mostrada pra ninguém. Tem mais ou menos uns 50 metros de cachoeira (corredeira) com pedra. Ninguém conhece porque é difícil ir lá, e também ela fica em área de terceiro, então o pessoal tinha medo de tá mexendo lá. Mas agora parece que tá indenizado, tá esperando o Itesp entregar pra gente. Essa cachoeira a gente passava lá só quando tava caçando, indo pro mato. Não ia pra tomar banho. Conheço bem porque eu me criei lá mesmo" (Jabor Nolasco de França, 68 anos, Galvão, 2011).

5. BENS ASSOCIADOS

DENOMINAÇÃO	CÓDIGO

¹ AFORAR – FAZIA CONTRATO DE ACORDO COM O ANO, FOSSE UM ANO, DOIS ANOS. A PRODUÇÃO É DE QUEM PRODUZIA, MAS DAVA UMA QUANTIDADE PRO DONO DA TERRA. ERA MENOS DE UM QUARTO QUE DAVA, NÃO ERA MUITA COISA.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LUGARES	SP	04	--	2012	F50	21
--	-----------	-----------	-----------	-------------	------------	-----------

6. PLANTAS, MAPAS E CROQUIS

--

7. DOCUMENTOS INVENTARIADOS

7.1. DOCUMENTOS ESCRITOS, DESENHOS E IMPRESSOS EM GERAL

7.2. REGISTROS SONOROS E AUDIOVISUAIS

7.3. REGISTROS FOTOGRÁFICOS

8. OBSERVAÇÕES

8.1. APROFUNDAMENTO DE ESTUDOS PARA COMPLEMENTAÇÃO DA IDENTIFICAÇÃO OU PARA FINS DE REGISTRO OU TOMBAMENTO

8.2. IDENTIFICAÇÃO DE OUTROS BENS MENCIONADOS NESTA FICHA

8.3. OUTRAS OBSERVAÇÕES

9. IDENTIFICAÇÃO DA FICHA

QUESTIONÁRIOS ANALISADOS	21A, 21B, 21C, 21D e 21E		
PESQUISADOR(ES)	ANNA MARIA ANDRADE, JULIANA FERREIRA, VALDIR RODRIGUES DA SILVA, ILIONILDO APARECIDO DOS SANTOS E JASIEL APARECIDO SANTOS		
SUPERVISOR	Anna Maria Andrade		
REDATOR	Anna Maria Andrade e Juliana Ferreira		DATA 05/2012
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	Anna Maria Andrade		